

## FICÇÕES, “FACÇÕES” E PODER: OLHARES PARA A ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA OBRA “DIVERGENTE”

**Silvia Heuer**

Universidade Federal do Paraná

[silvia.heuer2@gmail.com](mailto:silvia.heuer2@gmail.com)

**Rodrigo Tramutolo Navarro**

Instituto Federal do Paraná

[rodrigo.navarro@ifpr.edu.br](mailto:rodrigo.navarro@ifpr.edu.br)

**Jonathan Rocha de Oliveira**

Universidade Federal do Paraná

[jonathan.cwb3@gmail.com](mailto:jonathan.cwb3@gmail.com)

**André Mendes Capraro**

Universidade Federal do Paraná

[andrecapraro@onda.com.br](mailto:andrecapraro@onda.com.br)

Envio original: 04-03-2020. Revisões requeridas: 25-05-2020. Aceitar: 29-05-2020. Publicado: 01-06-2020.

### Resumo

Ao visualizar possíveis aproximações entre a produção distópica “Divergente”, de Verônica Roth, e algumas das formulações teóricas de Elias, Foucault e Gumbrecht, o presente ensaio procura lançar alguns olhares para o campo da Educação Física. Trata-se de um manuscrito construído a partir do método descritivo-analítico, de caráter interpretativo, com a utilização de fontes documentais para o embasamento teórico-filosófico das análises realizadas. O diálogo entre uma obra do gênero da literatura distópica e clássicos da literatura acadêmica possibilitaram profícias reflexões. O ensaio aponta, de maneira análoga à literatura *young-adult* analisada, que o desgaste das relações entre as “faccções” da Educação Física pode ser um fator desencadeador do aparecimento de produções acadêmicas e pesquisadores “divergentes”, isto é, dispostos a superar polarizações e fragmentações historicamente hegemônicas na área.

**Palavras-chave:** Educação Física - Corpo - Literatura jovem-adulto - Divergente.

**Ficción, “facciones” y poder: miradas hacia la área de Educación Física desde la obra “Divergent”**

### Resumen

Al visualizar posibles aproximaciones entre la producción distópica “Divergente”, de Verônica Roth, y algunas de las formulaciones teóricas de Elias, Foucault y Gumbrecht, este ensayo busca echar un vistazo al campo de la Educación Física. Es un manuscrito construido a partir del método descriptivo-analítico, con carácter interpretativo, utilizando fuentes documentales para la base teórico-filosófica de los análisis realizados. El diálogo entre una obra del género de la literatura distópica y los clásicos de la literatura académica permitió reflexiones fructíferas. El ensayo señala, de manera análoga a la literatura para adultos jóvenes analizada, que el desgaste de las relaciones entre las “facciones” de la Educación Física puede ser un factor desencadenante para la aparición de producciones académicas e

investigadores “divergentes”, que está dispuesto a superar las polarizaciones y las fragmentaciones históricamente hegemónicas en el área.

**Palabras clave:** Educación Física - Cuerpo - Literatura joven-adulto - Divergente.

---

**Fiction, “factions” and power: looks at the area of Physical Education from the work  
“Divergente”**

### **Abstract**

When visualizing possible approximations between the dystopian production “Divergent”, by Verônica Roth, and some of the theoretical formulations of Elias, Foucault and Gumbrecht, this essay seeks to take a look at the field of Physical Education. This essay was developed form the descriptive-analytical method, with interpretative character, using documentary sources for the theoretical-philosophical basis of the analyzes performed. The dialogue between a work of the gender of dystopic literature and the classics of academic literature enabled fruitful reflections. The essay points out, in a analog way to the young-adult literature analyzed, that the wear and tear of the relationships between the “factions” of Physical Education can be a triggering factor for the appearance of “divergents” academic productions and researchers, that is willing to overcome polarizations and historically hegemonic fragmentations in the area.

**Keywords:** Physical Education - Body - Young-adult literature - Divergent.

---

### **Introdução**

A obra “Divergente”, escrita pela autora Veronica Roth (2012), foi produzida no esteio do sucesso mundial da literatura distópica, dentre as quais destacou-se também a trilogia Jogos Vorazes, da autora norte-americana Suzanne Collins. Ambas tratam da distopia sob a ótica de protagonistas adolescentes, corajosos, destemidos e proativos. A este gênero de escrita e narração, é atribuído o título de *young-adults* (YA)<sup>1</sup>.

A obra de Roth oferece ao leitor um enredo que possibilita reflexões sobre um futuro catastrófico, ainda que o elenco principal seja baseado nos protagonistas jovens, Beatrice/Tris (16 anos) e Tobias/Four (18 anos). A trilogia se inicia com a obra literária: “Divergente – Uma escolha pode transformar” (no original “*Divergent*”), lançado em 2012, seguido por mais duas obras (lançadas em 2013 e 2014, em sequência). Um quarto livro, lançado também em 2014, reúne histórias vistas da perspectiva do personagem Tobias.

Sobre a literatura distópica, Valente (2010, p. 71) defende como sendo uma “aniquilação de dias melhores para os homens”, que tem por objetivo fazer o leitor estabelecer relações com o cotidiano,

---

<sup>1</sup> A literatura *young-adults* (YA), traduzida como jovens-adultos, é criada inicialmente para um público alvo entre 15 e 29 anos, e o enredo se concentra em temáticas mais adultas e menos ingênuas. Os protagonistas são normalmente adolescentes (entre 14 a 18 anos) que, em algum momento da trama ou em toda ela, se deparam com as mais diversas e extraordinárias dificuldades. Geralmente estas histórias podem apresentar os seguintes focos: adaptações a novos grupos e situações adversas, dificuldades de relacionamentos, sexualidade, racismo, depressão, entre outros.

entretanto, ao contrário da utopia, “a realidade [...] retorna com crueza para conscientizar o leitor real do presente sobre as sombrias consequências de seus atos para o futuro”. Hilário (2013) ao analisar obras clássicas como “1984”, de Orwell; “Fahrenheit 451”, de Bradbury; e “Admirável Mundo Novo”, de Huxley, propõe que esta literatura permite ao leitor realizar críticas a fatos e condições da sociedade moderna que estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano. Desta forma, esta literatura utiliza como pano de fundo condições de um futuro próximo que, se analisada pelo leitor por meio de uma teoria crítica da sociedade contemporânea, proporciona a ele uma reflexão sobre alguns fatos do presente. A exemplo disso: as formas de controle da subjetividade, a configuração tecnológica da atual sociedade e a dinâmica de submissão da cultura à civilização.

Tomando como elemento de análise e analogia uma narrativa desse gênero da literatura e do cinema, o presente ensaio dialogou com algumas das obras produzidas por Michel Foucault, Norbert Elias e Hans Gumbrecht com intuito de suscitar reflexões acerca da necessidade de se buscar modelos integrativos e relacionais que rompam com leituras reducionistas e fragmentárias sobre o movimento humano presentes na área de Educação Física. Especificamente, o manuscrito em questão recorre as chamadas facções, apresentadas na obra literária “Divergente”, para estabelecer analogias com a fragmentação da área da Educação Física, notadamente nos grupos que se localizam em determinadas ciências (biológicas/naturais e sociais/humanas) ou vertentes teóricas.

Como hipótese, o ensaio aponta que o desgaste das relações entre as “facções” da Educação Física pode ser um fator desencadeador do aparecimento pesquisadores e pesquisas “divergentes”, isto é, que têm se dedicado a superar certas polarizações na área. Assim, aponta para a necessidade de estabelecermos novos debates e estratégias que invistam na (re)aproximação e no diálogo entre os pares.

### Caminhos teórico-metodológicos

O presente ensaio está pautado numa pesquisa descritivo-analítica de caráter interpretativo, com a utilização de fontes documentais para o embasamento teórico-filosófico das análises. Inicialmente foi realizada a leitura da trilogia da série “Divergente” (2012), de Veronica Roth, somada a análise da versão produzida em formato de filme. Em seguida, foram estabelecidas relações entre a trilogia e algumas das teorizações clássicas encontradas nas obras de Elias e Scotson (2000), Michel Foucault (1986, 1987, 1998) e Hans Gumbrecht (2007), visando ainda ensaiar correspondências para pensar o percurso histórico de constituição da área da Educação Física no Brasil.

Na obra de Elias e Scotson (2000), o olhar se voltou à análise das diferenças entre os grupos e indivíduos a partir de duas categorias: os “estabelecidos” e os “*outsiders*”. Em 1965, Norbert Elias e

John L. Scotson (2000) buscaram analisar as normas de socialização e relações de poder do povoado de uma pequena comunidade inglesa. O trabalho dos autores resultou na obra “Os Estabelecidos e *Outsiders*”<sup>2</sup>, tardiamente reconhecida como uma dentre as várias contribuições *elisianas* no âmbito das pesquisas sociológicas e historiográficas contemporâneas.

Procurando escapar de uma análise estruturalista e funcionalista da sociedade, que entende seu funcionamento a partir de organismos com estruturas e funções sociais coercitivas, os autores adotam como metodologia de pesquisa um modelo teórico baseado na noção de interdependência entre os indivíduos e que constituem configurações próprias orientadas por relações de poder. No que se refere à noção de poder, conceito estruturante e central nas produções teóricas *elisianas*, vale mencionar aqui que os autores a tematizam, especialmente no manuscrito em questão, a partir da vida cotidiana dos indivíduos. É nesse sentido que a obra oferece subsídios para análise das configurações propostas no enredo da obra “Divergente” (2012).

Ainda como procedimento analítico, recorreu-se ao diálogo com algumas das obras escritas pelo filósofo francês Michel Foucault (1986, 1987, 1998), das quais tomou-se como empréstimo especialmente as noções de normalização (produção do normal e do anormal) e de normatização (produção da norma), categorias que, segundo o autor, estão ancoradas na produção de regimes de verdades e nas relações de saber e poder produzidas socialmente. É justamente nesse sentido que Elias e Foucault podem ser trabalhados relationalmente, oferecendo elementos para as análises presente neste ensaio. Como destacam Moraes e Silva *et al.* (2014, p. 267-268):

Elias e Foucault inovaram ao conceber o poder de forma relacional, interdependente e, sobretudo, como algo produtivo. Fosse na sociedade de corte – com o intelectual alemão – ou nas instituições disciplinares – no caso do pensador francês, ambos refutaram a noção de que o poder é algo localizado, estático e repressor. Os intelectuais perceberam redes interdependentes e provisórias de poder que se consolidaram, não por uma planificação prévia dos indivíduos implicados, mas sim pela luta e/ou na acomodação de seus interesses. Em seus objetos de estudo, analisaram como os mecanismos incitantes de poder, tanto em nível macro como micro, se investiram sobre a materialidade dos corpos dos indivíduos.

Por fim, e não menos importante, Hans Gumbrecht (2007) foi eleito para subsidiar a discussão acerca do fascínio em se observar e vivenciar os diversos gestos motores que o corpo pode realizar e que suscitam diversos tipos de sensações. A esse fenômeno o autor denomina “beleza atlética”. A obra de Gumbrecht (2007) está relacionada, no presente manuscrito, com as maneiras de se-movimentar dos

<sup>2</sup> A obra “Os estabelecidos e os *outsiders*”, de Norbert Elias e John L. Scotson foi publicada em 1965 após densa pesquisa iniciada na década de 1950 e estudos em uma pequena cidade ao sul da Inglaterra. O objetivo dos autores foi compreender, através do uso de diversos tipos de fontes, como se dava a configuração social e as relações de interdependência na cidade. Nesta, eram tidas relações de violência, discriminação, exclusão social, racismo e outras mais.

---

membros da facção central da trama, a “audácia”, reconhecida pela performance e estética corporal (bela e atlética) de seus integrantes.

### **Acerca da trilogia “Divergente”**

A história se passa na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, numa versão futurística e apocalíptica, em um cenário de pós-guerra, no qual a cidade se encontra devastada e cercada por um muro considerado intransponível. Após a sociedade ter sofrido em decorrência de uma série de guerras, os antepassados dos personagens passaram a atribuir a diversidade da personalidade humana a culpa pelo cenário devastador. Pensavam que o motivo das escolhas erradas (guerras) estava na natureza humana, supostamente inclinada para o mal, independentemente de crença, etnia, gênero ou classe social.

Assim, advogava-se que a melhor escolha para todos seria ser a divisão da sociedade em cinco facções: amizade, erudição, franqueza, abnegação e audácia, conforme exemplifica o seguinte trecho:

Trabalhando juntas, as cinco facções têm vivido em paz há anos, cada uma contribuindo com um diferente setor da sociedade. A abnegação supriu nossa demanda por líderes altruístas no governo; a franqueza providenciou líderes confiáveis e seguros no setor judiciário; a erudição nos ofereceu professores e pesquisadores inteligentes; a amizade nos deu conselheiros e zeladores compreensivos; e a audácia se encarrega de nossa proteção contra ameaças tanto interna quanto externa (Roth, 2012, p. 49).

Cada uma das cinco facções, apesar de suas especificidades, deveria se complementar e cuidar umas das outras. O discurso era de que isso tornava possível o convívio em uma sociedade mais pacífica e evoluída.

A facção da amizade foi criada por aqueles que culpavam a agressividade decorrente das guerras e desordens sociais; a erudição por aqueles que culpavam a ignorância do povo; a franqueza com a intenção de superar o caráter “distorcido” das pessoas; a abnegação para se opor ao egoísmo e egocentrismo humano; e a audácia para superar a covardia.

A “amizade” era a responsável por promover a paz e a harmonia, buscando valores como a bondade, a confiança e o perdão, estando em constante busca por uma vida em uma comunidade que não houvesse conflitos ou sentimentos negativos.

A “erudição” era representada pelas pessoas que desenvolviam todos os estudos científicos ou que contribuíssem para a transmissão do conhecimento, como médicos, cientistas e professores.

A “franqueza” era identificada pelos membros mais sociáveis e comunicativos, sendo sempre muito sinceros e, devido a isso, até mesmo podendo ser cruéis e sádicos, estando constantemente na posição de líderes.

A “abnegação” vivia o desapego das vaidades do ser humano, e acreditavam que o altruísmo e a negação do individualismo eram necessários para que a paz fosse mantida. Eram consideradas pessoas incorruptíveis, motivo pelo qual eram responsáveis por compor o conselho da cidade.

A “audácia”, facção central da trama da série (juntamente com os considerados “divergentes”) e também deste ensaio, era composta por aqueles que desejavam viver das formas mais radicais e destemidas, a qual os integrantes deveriam aprender a contornar seus medos, tornando-se fortes fisicamente e psicologicamente. As práticas corporais eram evidentes nesta facção acima de qualquer outra, visto que eles exigiam um bom condicionamento e treinamento físico de todos os seus integrantes. Os treinamentos de combates com armas, corpo a corpo e até mesmo psicológicos eram realizados com frequência. A luta só se encerrava quando um dos oponentes fosse finalizado e não conseguisse mais prosseguir. Desta forma, muitos desses testes eram violentos e sempre focados em questões competitivas.

Os indivíduos, nessa cidade apocalíptica, após completarem 16 anos, deveriam participar do teste de aptidão e a seguir era realizada a cerimônia de escolha das facções. Eles poderiam escolher qualquer uma das facções para se tornar membro, porém uma vez feita a escolha, não seria possível mais renegá-la. Ainda, eles deveriam passar por um ritual de iniciação específico que ocorria dentro de cada uma das facções. Caso não houvesse a escolha e o indivíduo não fosse aprovado no teste de iniciação, seria rejeitado pela sociedade e considerado um “sem facção”.

No altar da cerimônia de escolha, eram dispostos cinco recipientes. Pedras cinzas para a escolha da abnegação, água para a erudição, terra para a amizade, vidros para a franqueza, e brasas acesas para a audácia. O jovem iniciando deveria, portanto, realizar um pequeno corte em uma das mãos e derramar o sangue em um desses recipientes, que indicaria sua escolha de facção.

A protagonista, Beatrice Prior/Tris, descendente de uma família da abnegação, no momento da realização dos testes e da cerimônia de escolha da facção, se defronta com uma difícil escolha: atender a expectativa dos familiares e permanecer na abnegação, ou seguir seus próprios instintos. A protagonista acaba optando por se integrar a facção audácia, como demonstrado no seguinte trecho:

Tanto o fogo da audácia quanto as pedras da abnegação estão à minha esquerda [...] rangendo os dentes, passo a lâmina sobre minha pele. Arde um pouco, mas quase não reparo na dor [...]. O sangue pinga no carpete, entre os dois recipientes. Depois, com um suspiro que não consigo conter, lanço meu braço para frente, e meu sangue faz as brasas chiarem. Sou egoísta. Sou corajosa (Roth, 2012, p. 53).

Tem início, a partir desta escolha, uma consequente “avalanche” de conflitos e desafios que serão desenvolvidos ao longo da trilogia, que vão desde o enfrentamento dos medos criados a partir de simulações assustadoras, até o confronto entre as facções. Isto se evidencia em uma das falas do personagem Tobias: “[...] o objetivo não é perder o medo. Isso seria impossível. Aprender a controlar seu medo e libertar-se dele é o verdadeiro objetivo” (Roth, 2012, p. 251). Por outro lado, para os membros dessa facção, o enfrentamento desses medos acabava se tornando por vezes prazeroso, do ponto de vista psicológico e estético. Afinal, o gesto motor, a busca pela expressividade do movimento e o desafio eram marcas identitárias do sujeito audacioso.

Se buscarmos aproximações com as disputas historicamente travadas no campo da Educação Física, especificamente àquelas inauguradas de modo mais proeminente entre os anos 1970 e 1980, que produziram a fragmentação da área em determinadas ciências (biológicas/naturais *versus* sociais/humanas; abordagens positivistas/tecnicistas *versus* abordagens críticas/progressistas e assim por diante) (Bracht, 1999; Souza, 2018), é possível inferir que audaciosos foram, e ainda são, aqueles que procuraram transitar fora de classificações, por apoiarem-se no fato de que o movimentar-se humano mobiliza mutuamente, e não de forma excludente, múltiplas dimensões: estéticas, lúdicas, sociais, biológicas, artísticas, mecânicas, emocionais, dentre outras.

A fragmentação da área surgiu, em grande medida, da suposta necessidade da própria área de Educação Física se qualificar academicamente, isto é, de reafirmar-se como científica (Bracht, 2003). Nesse sentido, dialogando com Foucault (1986), pode-se dizer que a área produziu um determinado tipo de saber para conseguir obter uma melhor colocação nas dinâmicas das relações de poder.

Esse movimento, visualizado por alguns como um momento de “crise”, poderia ser encarado como um tempo de superação, de transposição do “paradigma” das ciências naturais em prol das ciências humanas. Entretanto, mesmo esses novos “modos de olhar”, pautados nas ciências humanas, não possibilitam de maneira alguma chegar a uma “verdade absoluta” ou mesmo a uma “verdade relativa”, mas sim a muitas “verdades diferentes” e em diversos domínios distintos. E é à luz desse apontamento que acreditamos que aqueles que professam essa doutrina no campo da produção do conhecimento na educação física não percebem essa condição, qual seja, a de que o estatuto das ciências humanas, tanto quanto o das ciências naturais, opera numa mesma lógica da produção discursiva da “verdade” (Feron; Moraes e Silva, 2007, p. 117).

Nesse exercício reflexivo de questionar regimes de verdade, passamos a estabelecer diálogos entre a trilogia produzida por Roth e as noções de corpo e belo tal qual problematizadas em Gumbrecht. Talvez a partir dessa incursão surjam elementos que nos ajudem a estabelecer outros olhares para a Educação Física e, quem sabe, transpor, ao menos conceitualmente, alguns paradigmas.

## O corpo e o belo como regimes de verdade na trilogia “Divergente”

Na obra escrita pelo alemão Hans Gumbrecht (2007), o “Elogio da beleza atlética”, o autor consagra os corpos e os movimentos realizados por atletas, dando autonomia e referenciando a beleza estética, “agradecendo-os” por nos possibilitar visualizar estes gestos motores tão belos. As competições, nesse sentido, acabam sendo vistas como elemento que proporciona beleza através das expressões corporais dos diversos praticantes. Além disso, não necessariamente o vencedor será aquele a executar os movimentos esteticamente mais belos.

É possível notar alguma semelhança entre esses elementos descritos no livro de Gumbrecht e a série “Divergente”. Uma primeira referência que vem à mente se constrói na figura de Beatrice que contemplava o gesto motor dos integrantes da audácia (mesmo antes de adentrar à facção) ao saltarem dos trens em movimento. Beatrice parece enxergar alguma beleza nisso, como o trecho sugere:

No entanto, sigo-os com os olhos por onde quer que andem. O apito do trem toca alto e o som ressoa em meu peito [...] uma quantidade enorme de jovens com roupas escura se atira do trem em movimento, alguns caindo e rolando no chão, outros pisando em falso por um momento antes de recobrarem o equilíbrio. Um dos garotos coloca o braço em volta dos ombros de uma menina, rindo (Roth, 2012, p. 13).

Não por coincidência ela acaba escolhendo se juntar a facção em questão, desejando vivenciar e performar as maneiras de se-movimentar do grupo admirado. Apesar de ter crescido na facção “abnegação”, ela não se sentia pertencente a este grupo. Após, enfim, adentrar à “audácia”, ocorrem os primeiros testes (rituais) de iniciação e aceitação do grupo. Esses consistiam em três etapas: [1] etapa física: que analisava a capacidade de aprendizagem e a aptidão para o manuseio de armas brancas, combates corporais e demais elementos relacionados com a aptidão física; [2] etapa mental: na qual os iniciados deveriam enfrentar situações complexas, do ponto de vista cognitivo, em cenários envolvendo diversas problemáticas a serem superadas; [3] etapa emocional: na qual os principais medos deveriam ser enfrentados por meio de situações simuladas e utilizando-se de habilidades conquistadas nas etapas anteriores. Aqui cabe fazer referência à fragmentação dos seres humanos nas dimensões física/motora, psíquica e cognitiva, o que reporta a uma tradição epistemológica da área da Educação Física.

Ainda no tocante à fase de treinamentos dos novos membros da facção “audácia”, cabe destacar que a competição se fazia necessária e o desempenho era estimulado como forma de manutenção a esse grupo. Isso, de algum modo, remete à Gumbrecht (2007), quando relata a admiração que nutre por eventos esportivos que, para ele, são altamente justificáveis no quesito do fascínio e imortalização dos gestos e feitos realizados pelos atletas. Para o autor alemão, a estética do movimento é o ponto central a ser observado e analisado, afinal isso faria do esporte uma arte. Por isso é justificável a transfiguração

do atleta em herói de acordo com as suas práticas corporais. Desta forma, corpos e movimentos que outrora foram minimizados, acabam se consagrando esteticamente. A competitividade e a superação se convergem então, transformando a movimentação em arte.

Retornando ao enredo da facção audaciosa, vale notar que seus membros eram igualmente pressionados e punidos, por falhas ou desvios de conduta, nos limiares físicos e psicológicos, independentemente de serem vencedores ou perdedores dentro das competições. Eram forçados a se tornarem mais fortes, enfrentando as mais adversas situações. A perseverança e o enfrentamento dos medos os faziam heróis:

Suba na grade [...] se você conseguir se pendurar sobre o abismo por cinco minutos, esquecerá sua covardia. Se falhar, não permitirei que prossiga com a iniciação [...] mesmo que Christina seja corajosa o bastante para se pendurar na grade por cinco minutos, talvez não consiga se segurar. Ou escolhe se tornar uma semi-facção ou arrisca a própria vida (Roth, 2012, p. 109).

Além das cinco facções, legitimadas institucionalmente pelo governo e também socialmente, havia outra classificação adotada para aqueles considerados subversivos ou de “resistência”, isto é, que não se enquadravam nos parâmetros de normalidade e na norma instituída socialmente: os chamados “divergentes”. Eram sujeitos que possuíam inclinação para mais de uma facção ou para todas as facções, isto é, não se identificavam com a forma de organização social vigente, especialmente no que diz respeito à divisão das facções. Eram sujeitos raros na sociedade, considerados assim uma ameaça à norma social, motivo pelo qual eram perseguidos pelos governantes, que buscavam a prisão e a morte destes. Não havia parâmetro para identificar e classificar um indivíduo “divergente”.

Nesse ponto, como aborda Foucault (1987, 1998), normal e anormal (desviante) são classificações produzidas pelos mesmos dispositivos (regras e normas) sociais, visíveis e invisíveis, acordados pelo grupo a que se destinam. Assim, buscando realizar uma análise genealógica do conceito de “anormal”, o filósofo francês argumenta que, historicamente, foram criados discursos sobre o anormal/louco para então serem produzidas as noções de normal (Foucault, 1998).

Nessa perspectiva, como ocorre na série “Divergente”, os parâmetros dos testes (medida da norma) delimitavam e classificavam os sujeitos dentro de instrumentos produzidos socialmente. Aquele indivíduo que escapava aos parâmetros era considerado desviante, isto é, “divergente”. A transcrição de uma cena específica da obra literária em questão ilustra perfeitamente essa questão. No Capítulo Três do livro “Divergente – uma escolha pode te transformar (2012)”, ocorre o diálogo entre dois

protagonistas, Tori, na ocasião aplicador do teste de aptidão, e Beatrice/Tris, que recebia do primeiro o parecer indicando o resultado inconclusivo do teste:<sup>3</sup>

– Por um lado, você se atirou sobre o cachorro e não permitiu que ele atacasse a menininha, o que caracteriza-se como reação da Abnegação... mas, por outro, quando o homem lhe falou que a verdade o salvaria, você continuou recusando-se a revelá-la.  
 – Ela suspira. – Não fugir do cachorro sugere a Audácia, mas pegar a faca também, e não foi isso que você fez. Ela limpa a garganta e continua: Sua resposta inteligente ao cachorro sugere um forte alinhamento com a Erudição. Eu não tenho a menor ideia de como interpretar a sua indecisão no primeiro estágio, mas... – Espere – interrompo-a. – Então você não tem nenhuma ideia de qual é a minha aptidão? – Sim e não. Minha conclusão explica ela – é que você apresenta aptidão para a Abnegação, a Audácia e a Erudição. Pessoas que apresentam resultados assim são... – Ela olha para trás, como se esperasse ser surpreendida por alguém. – ...são chamadas de... divergentes. [...] – Beatrice – diz ela –, você não pode compartilhar essa informação com ninguém, sob quaisquer circunstâncias. Isso é muito importante. [...] A Divergência é algo extremamente perigoso. Você entendeu bem? [...] Agora a escolha é minha, independente do resultado do teste. Abnegação. Audácia. Erudição (Roth, 2012, p. 27-29).

Ambos os protagonistas da série (Beatrice/Tris e Tobias), apesar de pertencerem à facção “audácia”, eram “divergentes”, pois em seus testes de aptidão, descobriram que possuíam inclinação para mais de uma facção, mas escondiam a informação para não serem caçados pelo governo. Isso acaba se evidenciando na fala de um dos “divergentes”:

Todas as facções condicionam seus membros a pensar e agir de determinada maneira. E a maioria das pessoas faz exatamente isso. Para a maior parte das pessoas, não é difícil aprender, encontrar uma linha de pensamento que funcione e seguir por ela [...] mas nossas mentes movem-se em dezenas de direções diferentes. Não podemos ficar confinados a uma única maneira de pensar, e isso apavora nossos líderes. Isso significa que não podemos ser controlados. E significa também que, não importa o que eles façam, nós sempre causaremos problemas para eles (Roth, 2012, p. 455).

Se transferimos essa reflexão para o âmbito da Educação Física, podemos inferir que as produções acadêmicas e teorias que ganharam maior visibilidade e, assim, legitimidade na área foram àquelas enquadradas em “facções” específicas. Mais ainda, especialmente a partir dos anos 1980, as chamadas teorias progressistas (Bracht, 1999) emergiram com maior volume, analogamente, (auto)identificadas como pertencentes a facção dos eruditos que, por sua vez, passaria a defender

<sup>3</sup> Aos dezesseis anos de idade, Beatrice estava sendo submetida ao teste de aptidão instituído e aplicado pelo governo, com objetivo de informá-la sobre a sua “natureza humana”, enquadrando-a em uma das cinco facções (Erudição, Franqueza, Audácia, Amizade e Abnegação). O teste era realizado com uso de um tipo de soro que, por meio de equipamentos específicos, induzia o testado ao sono visando introduzi-lo em situações simuladas em sua mente. De acordo com as escolhas feitas nos desafios propostos, era então estabelecida a facção na qual o indivíduo deveria pertencer. O diagnóstico de Beatrice foi inconclusivo, pois ela apresentou aptidões para três facções: Abnegação, Audácia e Erudição. Ela era uma “divergente”.

---

outros regimes de verdade sobre e para as pedagogias corporais na área de Educação Física (Feron; Moraes e Silva, 2007).

Ademais, em um contexto de crise do governo militar e de redemocratização social, surge com maior proeminência um grupo que ansiava por maior espaço e legitimidade na área. Sob o discurso de que a Educação Física vivia um período de crise de identidade, a facção “erudita” alegava possuir o conhecimento necessário para atribuir os novos rumos necessários para a área. Surgiram então diversas abordagens e propostas, na sua maioria amparadas nas Ciências Humanas. Assim, foram produzidos uma série de discursos, alguns deles desqualificando as demais facções que há tempo eram reconhecidamente detentoras da identidade da área, para que a facção erudita assumisse um espaço de maior destaque. Tais confrontos entre as facções da Educação Física ainda são presentes, muitos desses ocorrendo entre seus próprios membros. Ao que parece, trata-se de um movimento de reorganização do discurso que, via de regra, perpetua a histórica fragmentação área.

### **Relações de poder na trilogia “Divergente”**

Um primeiro ponto de reflexão sobre a construção do enredo da série “Divergente” a partir de Elias e Scotson (2000) emerge na medida em que se visualiza a configuração composta pelo governo (tido como um macrocosmo) e pelas facções que estabelecem um contrato de prestação de serviços especializados entre si, visando cada uma delas contribuir com determinada função para que o objetivo final seja alcançado – a paz. Além dessas alianças, é possível refletir também sobre os tensionamentos presentes, uma vez que os “divergentes” e o próprio governo formam relações adversárias, quando o objetivo de um é eliminar o outro por conflito de interesses.

Elias e Scotson (2000), por sua vez, também perceberam que a comunidade de Winston Parva estava dividida em três grupos heterogêneos de convivência, sendo que dois se aproximavam muito no que diz respeito aos valores e práticas de convívio e que o outro se mostrava excluído pelos demais, afinal alegava-se que tal grupo de moradores perturbava a ordem que já estava estabelecida naquela região, visto que eram recém-chegados. Havia, portanto, uma política pautada em normas e regras para o convívio social local, e eles não se encaixavam nestes padrões exigidos. Em relação à trama de Roth, é possível perceber que os sujeitos “divergentes” e os “sem facção” também formavam um grupo isolado, que não atendia aos padrões estabelecidos naquele governo e/ou não contribuíam com nada naquele sistema proposto, ou seja, perturbavam a ordem estabelecida.

A busca das características desses grupos da comunidade apontou para um aspecto interessante no que diz respeito à violência física e simbólica exercida naquele local, demonstrando ponto de aproximação importante com os estudos de Elias e Scotson (2000), no qual perceberam que dentro dos

grupos havia relações de poder, estabelecidas entre as “minorias dos piores” e as “minorias dos melhores”.

Nesse estudo sociológico, houve clara percepção e distinção de grupos conforme suas organizações nessa mesma comunidade: [1] os estabelecidos, assim chamados por estarem lá há mais tempo, já viverem dentro das regras sociais e, portanto, ocuparem posições de prestígio e poder na sociedade, percebendo-se, inclusive, como membros do que consideravam uma ‘boa sociedade’. Seu poder se constituía por meio de uma identidade social “[...] construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência [...] no fato de ser um modelo moral para os outros” (Elias; Scotson, 2000, p. 07); e [2] os *outsiders*, considerados os não membros da “boa sociedade”, descritos como “[...] um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established* [estabelecidos]” (idem, p. 07). São os recém-chegados, que não deveriam possuir direitos de plena cidadania na vida local por não obedecerem, na visão estabelecida, a estas normas previamente organizadas.

Assim, os *outsiders*, que fugiam a essas condutas consideradas normais dentro da comunidade local, acabaram sendo estigmatizados e discriminados, ou mesmo, sendo tratados com inferioridade. Esses que fugiam às regras e normas, poderiam então buscar algum padrão para tentar atingir atitudes tidas como normais e aceitáveis dentro do contexto, buscando encaixar-se dentro da comunidade já estabelecida, ou mesmo assumir uma postura de fuga ou resistência a essa realidade.

Uma relação possível de se estabelecer entre esse estudo com a série “Divergente”, dá-se a partir da divisão das facções e de suas relações com as demais, com os “divergentes” ou mesmo com aqueles que eram considerados como “sem facção”.

Observa-se que a saga retrata um mundo onde o indivíduo deveria identificar-se com apenas uma das opções de facções predeterminadas e, depois de feita a escolha, não era permitida mudança, afinal, como afirmou Foucault (1986), as escolhas são feitas pelos próprios sujeitos ao elegerem determinados discursos como “verdade”, atribuindo um olhar normativo sobre grupos específicos e sobre a comunidade acadêmica de modo geral. Nas palavras do filósofo francês:

A verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela escolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 1986, p. 12).

Considerando que o campo da Educação Física tem sido, como já mencionado, historicamente constituído por “facções”, ou melhor, por disputas de grupos que se entendem possuidores de determinadas verdades acerca da área, pode-se inferir que são audaciosos aqueles que se lançam na tarefa de dialogar com diferentes ciências, sem buscar substituir uma verdade por outra verdade. Talvez por isso, reabilitar o movimento humano como “núcleo duro” da Educação Física, tal como sugere Souza (2019), seja um passo importante em direção à autonomia, se bem que onde os regimes de verdade são tantos e difusos não existem garantias, afinal restaurar ou produzir um acordo nesse sentido pode gerar algum sentimento de rejeição por algumas das facções.

De modo análogo, na série “Divergente” Beatrice Prior/Tris e seu irmão cresceram na “abnegação”. Entretanto, os dois sentiam-se como *outsiders*, não possuindo o sentimento de pertencimento com essa facção. Aqui, novamente, é possível estabelecer aproximações com o conceito de “minoria dos piores” apresentado por Elias e Scotson (2000). Ambos acreditavam que, apesar de terem crescido e vivido por dezesseis anos dentro desta facção, seus valores pessoais e morais, assim como suas expectativas, não condiziam com os valores comumente tidos nessa facção, acreditando que não se enquadravam nela. Ao que parece, trata-se de uma postura minimamente reflexiva frente a norma da facção.

Ao mesmo tempo, na cerimônia de escolha, cada um dos personagens escolheu uma facção distinta, se sentindo então parte integrante destas e tornando-se “estabelecidos”, visto que para cada um, a facção então escolhida poderia atender às suas expectativas. Assim, necessitaram se adaptar aos novos estilos de vida e realizaram testes para provar que se assemelhavam aos estabelecidos daquele grupo, se tornando as “minorias dos melhores”. Numa perspectiva *foucaultiana*, poder-se-ia indagar: é possível viver de modo “divergente”, isto é, escapar das normatizações e normalizações sociais? Se o poder está em toda parte, essa tarefa parece difícil. Para onde ir? É necessário chegar em algum lugar?

É possível observar outra situação num trecho do livro, no qual a protagonista está em um entrave pessoal sobre se deve escolher sua facção pela razão ou pela emoção:

Escolher a abnegação exigiria uma grande demonstração de altruísmo da minha parte, e escolher a audácia exigiria uma grande demonstração de coragem, e talvez apenas a escolha entre uma das duas facções já seja uma comprovação de onde eu pertenço (Roth, 2012, p. 43).

Beatrice/Tris, em seus testes de aptidão, após ser identificada como “divergente”, possuía propensão e capacidade para três das cinco facções, ou seja, ela poderia ser uma estabelecida em qualquer uma dessas três, independentemente de sua escolha. Mas, por ser uma “divergente”, se a sociedade descobrisse, ela seria considerada uma ameaça, devendo ser eliminada. Portanto, como ser

“divergente” não era uma escolha e muito menos seguro, tornou-se membro da audácia. Esse fato, inclusive, também se passou com o personagem Tobias, um dos líderes desta facção.

Nota-se, portanto, como ocorre nas teorizações de Elias e Scotson (2000), que o processo civilizador perpassa pela segmentação da sociedade conforme interesses, afinidades ou mesmo hierarquias, em que cada grupo acaba possuindo suas próprias normas e leis, considerando-se superiores aos demais, de modo que aqueles que não se adaptam ou ameaçam os padrões estabelecidos são excluídos. Isso é possível observar na série em apreço quando a facção da erudição decide implantar transmissores nos membros da audácia para criar um exército para o controle social. Estes transmissores tornavam os membros submissos a facção da erudição e, de início, deveriam exterminar todos os membros da abnegação. Os transmissores somente não funcionaram em membros que fossem “divergentes”, pois eles eram incapazes de serem comandados, pois seguiam suas próprias regras.

Tais formas de repressão foram discutidas também por Michel Foucault (1987). Ao anunciar a sociedade disciplinar no século XVIII, o filósofo destaca que para emergência e manutenção deste modelo social, constituem necessárias técnicas de disseminação do poder disciplinar com investimento especial sobre os corpos, procurando fazê-los corpos dóceis. Para essa finalidade, surgem instituições disciplinares (exército, escola, igreja, prisão...) com a missão de reinserir, curar e ressocializar os sujeitos considerados anormais ou aqueles que Elias e Scotson denominaram como *outsiders*.

Mas para que existam os normais, os “estabelecidos”, é necessário definir o que ou quem são os anormais: os *outsiders*. Trata-se do processo denominado por Foucault (1987) como normalização. Ao elaborar discursos sobre os valores individuais da humanidade, padroniza-se a sociedade, nivelando o indivíduo aos seus semelhantes. Os discursos de produção da individualidade estão condicionados a um padrão moral, que atribui a cada um a responsabilidade de responder pelos seus atos de acordo com um regime de produção de verdade (Foucault, 1987, 1998).

Em “Divergente”, a normalização perpassa a criação de técnicas para “diagnosticar” o anormal, procurando enquadrar os indivíduos nas facções. Pode-se fazer analogia entre os regimes de produção de verdade sobre a loucura e a criação dos chamados “divergentes”, e também os sem “facções”. Criam-se diferenças a partir do momento que se definem quem são os anormais. E são várias as técnicas e instrumentos utilizados para tal finalidade, sendo estas potencializadoras da constituição de grupos conforme suas lutas pelo controle social, gerando percepções de autoridade de um grupo sobre o outro.

Em diversos momentos do livro, alguns personagens questionam sobre o porquê cada indivíduo deve se identificar com apenas uma facção, sendo que cada uma poderia contribuir diferentemente e unicamente para a construção moral de cada um, como aponta o seguinte trecho

retirado da obra: “eu acho que nós cometemos um erro. Nós todos passamos a rebaixar as virtudes das outras facções no processo de reforçar a nossa. Não quero fazer isso. Quero ser corajoso, e altruísta, e esperto, e bondoso e honesto” (Roth, 2012, p. 217).

Dando continuidade a essa linha de pensamento, tanto na obra de Elias e Scotson (2000), quanto na saga “Divergente”, é notável que existem muitas diferenças entre os indivíduos, independentemente de seu posicionamento moral ou o grupo pertencente, visto que as percepções de mundo são sempre mutáveis, bem como os desejos e vontades. Elias e Scotson (2000, p. 185) apontam que “[...] a estrutura de uma comunidade/bairro pode influenciar no desenvolvimento da personalidade dos jovens que ali crescam”. Nesta perspectiva, Roth também aborda a questão da mudança de facção quando Tris escolhe se juntar à audácia, gerando quebra de paradigmas e auto aceitação no que diz respeito a esta mudança de costumes, para que então possa ser vista como uma “igual” perante o seu novo grupo escolhido: “Será tão difícil romper com a mentalidade da abnegação imbuída em mim [...] Mas encontrarei novos hábitos, novos pensamentos, novas regras. Eu me tornarei uma nova pessoa” (Roth, 2012, p. 95).

Na área de Educação Física no Brasil, nota-se, por analogia, que alguns grupos uniram esforços tanto para desenvolver novas formas de pensar quanto para defender determinadas correntes teóricas em detrimento de outras. Como mencionado, notadamente após a década de 1980, os defensores das chamadas teorias progressistas ganharam maior destaque nesse período (Bracht, 1999; Souza *et al.*, 2018). Mas, de modo ainda mais proeminente, as chamadas teorias críticas, ancoradas em pressupostos marxistas, foram aquelas que ganharam ainda mais visibilidade e, na mesma proporção, produziram expressivas críticas à outras correntes teóricas e/ou modelos pedagógicos (Souza *et al.*, 2018). Estabelecem-se, portanto, alianças e rivalidades teóricas, engendrando um jogo de poder, no qual assumir posições alternativas pode ser motivo de rejeição e invisibilização.

Em “Divergente”, de igual modo, os indivíduos que não possuíam facção eram excluídos da sociedade e submetidos aos empregos considerados como os mais inferiores e desprezíveis, além de viverem de doações. Nesse sentido, os “sem-facção” constituíam neste cenário um grupo de *outsiders*. Por sua vez, os “divergentes”, tal como mencionado anteriormente, também eram considerados uma grande ameaça da sociedade, visto que possuíam aptidão para se adequar a mais de uma facção, ou seja, suas capacidades físicas e intelectuais, segundo a série, se sobressaíam aos demais.

Por fim, a facção da erudição (através de sua líder – a antagonista da série – e seus representantes), considerava-se superior às demais. Seus membros tornaram-se gananciosos e fugiram do propósito e das crenças (verdades) iniciais. A corrupção moral tornou-se evidente a ponto dos próprios membros mobilizarem-se para derrubar o poder e o governo local, visando estabelecerem-se como os líderes da cidade. No que tange à área da Educação Física no Brasil, Souza (2018) sugere ser

curioso o paradoxo das teorias críticas que, apesar de apresentarem argumentos “justos” e “necessários” para questionar os grupos detentores das verdades, por vezes acabaram por reforçar e contribuir para a manutenção deste mesmo jogo de relações, em especial quando, após consolidarem suas teorias, passaram a assumir a retórica da tradição com vistas à paralisar o tempo.

## Considerações finais

Os jovens nesse mundo pós-apocalíptico de “Divergente”, ao completarem 16 anos, passavam por testes de aptidão seguido da “cerimônia de escolha”. Eles passavam por situações simuladas, nas quais deveriam tomar decisões a partir de opções de escolha predeterminadas. A opção escolhida indicava a “vocação” do indivíduo para uma determinada facção. Quando o teste indicava aptidão para mais de uma facção, isto é, quando o resultado do teste era “inconclusivo”, dizia-se que a pessoa era “divergente”, significando uma ameaça para a ordem social vigente.

É possível observar ainda, tanto no enredo do filme como no primeiro livro da série “Divergente”, que os protagonistas (vinculados à audácia), tinham como foco o próprio domínio do corpo e de suas capacidades físicas, sendo comum ocorrerem disputas até mesmo com certo grau de violência e alta competitividade para determinar os melhores, ou seja, aqueles que estariam acima dos demais, merecedores de respeito, independente de se tornarem vencedores ou não. A superação era extremamente exigida, e quanto mais belo o gesto motor realizado, mais admirável ele se tornava, remetendo à ideia de beleza atlética em Gumbrecht.

Mas o que dizer acerca da área da Educação Física? De modo semelhante, o presente ensaio leva a pensar acerca das relações entre as “facções” do campo que se autodenominam vertentes biológicas ou vertentes culturais. Como dito, essa polarização tem produzido obstáculos para o amadurecimento da área, que urge cada vez mais da formação de profissionais “divergentes”, capazes de olhar para o movimento humano a partir de múltiplas perspectivas, visando potenciais convergências. Como apontado na chamada para o presente Dossiê Temático, é necessário que sejam produzidos modelos de ação integrativos e relacionais, isto é, que superem fragmentações da ação pedagógica expressas na oposição da dimensão biológica à cultural ou vice-versa.

## Referências

- BRACHT, V. (1999). A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88.
- BRACHT, V. (2003). **Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Unijuí.

- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. (2000). **Os Estabelecidos e os Outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FERON, A. V.; MORAES E SILVA, M. (2007). A Igreja do “Diabo” e a Produção do Conhecimento na Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 29, n. 01, p. 107-122.
- FOUCAULT, M. (1986). **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FOUCAULT, M. (1987). **Vigiar e punir.** 7. ed. Petrópolis: Vozes.
- FOUCAULT, M. (1998). **O nascimento da clínica.** 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GUMBRECHT, H. U. (2007). **Elogio da beleza atlética.** São Paulo: Companhia de Letras.
- HILÁRIO, L. C. (2013). Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215.
- MORAES E SILVA, M.; CAPRARO, A. M.; SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. (2014). Norbert Elias e Michel Foucault – apontamentos para uma tematização relacional da noção de poder. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 254-275.
- ROTH, V. (2012). **Divergente:** uma escolha pode te transformar. Tradução de Lucas Peterson. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores.
- SOUZA, J. (2018). Da força do argumento ou do argumento de força? Notas para repensar a produção teórico-crítica em Educação Física no Brasil. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 9, n. 1, p. 108-362.
- SOUZA, J. (2019). Digressões acerca da ciência aplicada do movimento humano (ou sobre como podem prosperar revoluções simbólicas na área de educação física?) **Rev. Bras. Ciências do Movimento**, v. 27, n. 4, p. 43-63.
- SOUZA J.; OLIVEIRA, V. M.; MARCHI JÚNIOR, W. (2018). A “família intelectual” marxista e os estudos sociais do esporte no Brasil – recepção, rotinização e implicações epistemológicas. **Rev. Bras. Ciências do Movimento**, v. 26, n. 2, p. 103-112.
- VALENTE, T. A. (2010). Utopia, distopia e realidade: um novo verismo na literatura para jovens. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 70-74.